

## FILOSOFIA E COTIDIANO: REFLEXÃO SOBRE SABER POPULAR

Joilson Luiz de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão filosófica a respeito da possibilidade de considerar a filosofia enquanto expressão de certo extrato de pensamento inserido no cotidiano, especificamente nas manifestações daquilo que se denomina sabedoria popular, mais vulgarmente chamada de ditados populares. Tal concepção está ancorada na filosofia de Antonio Gramsci, passando por alguns de seus comentadores e outros filósofos que de alguma forma pautaram a questão da relação entre filosofia e conhecimento popular. Dessa maneira, trata-se de um estudo bibliográfico que abre espaço para pensar a presença da filosofia para além dos cânones estabelecidos pelos intelectuais.

**Palavras-chave:** Filosofia; Cotidiano; Ditado popular; Reflexão; Pensamento

### Introdução

Antonio Gramsci em sua teoria sobre a possibilidade de todos os homens serem filósofos, mesmo que na maioria dos casos nem se tenha consciência disso, representa um aspecto da própria filosofia que às vezes passa despercebida, caindo no senso comum, irrefletido, conhecimento raso, sem que haja devida atenção ao seu potencial de reflexão naquilo que se dá a pensar a partir dessas frases prontas que usamos em nosso cotidiano.

Na tentativa de reconstruir a origem dessa imagem da filosofia, talvez possamos dizer que se trata do texto Caderno 11, apontamentos para uma introdução e um encaminhamento no estudo da filosofia e da história da cultura (1932-33), da obra Cadernos do Cárcere, de Antonio Gramsci. Suas ideias foram amplamente divulgadas no Brasil por conta da produção de Antonio Saviani chamada Educação do senso comum à consciência filosófica. Primeiro, podemos destacar uma passagem do próprio Gramsci para problematizar essa origem.

É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a “todo o mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore”. (GRAMSCI, 1999, p. 93)

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Filosofia UFABC. Email: filosoficio@gmail.com.

Nesse sentido, os exemplos de ditados populares representam uma forma de expressão de certo aspecto de um saber popular que trazem à tona a oportunidade de estimular o exercício filosófico de modo a enfatizar qual sentido, aparentemente oculto, contém cada um desses dizeres cotidianos. Para tanto, pesquisar essas manifestações culturais demonstra um interesse em compreender de que maneira a filosofia pode ser encontrada em expressões populares, nos usos comuns dessa forma de linguagem tão despreziosa, apesar de trazer uma dimensão reflexiva a ser considerada.

Diante disso, a concepção do filósofo italiano acerca da possibilidade de todos os homens poderem vir a serem filósofos reverbera nessa pretensão de apresentar os ditados populares em seu potencial reflexivo e no que despertam de modos de pensar, culminando de fato em um horizonte filosófico promissor. Nesse sentido precisamos iniciar por etapas, pois é incumbência do ensino de filosofia começar:

No ensino de filosofia dedicado não a informar historicamente o aluno sobre o desenvolvimento da filosofia passada, mas a formá-lo culturalmente, para ajudá-lo a elaborar criticamente o próprio pensamento e assim participar de uma comunidade ideológica e cultural, é necessário partir do que o aluno já conhece, da sua experiência filosófica (após lhe ter demonstrado que ele tem uma tal experiência, que é um “filósofo” sem o saber). E, já que provavelmente não tiveram ainda mais que informações soltas e fragmentárias, carecendo de qualquer preparação metodológica e crítica, não é possível deixar de partir do “senso comum”, em primeiro lugar, da religião, em segundo e, só numa terceira etapa, dos sistemas filosóficos elaborados pelos grupos intelectuais tradicionais. (GRAMSCI, 2011, p.199)

O que Gramsci propõe é uma metodologia inversa a qual estamos habituados a praticar nos contextos de ensino médio. A realidade é que, ainda hoje, a educação brasileira apresenta uma característica de valorização excessiva de conteúdo, de práticas hegemônicas no processo de memorização e de ensino enciclopédico, que na maioria das vezes, está desvinculada diretamente com a realidade cotidiana dos alunos, ou seja, das suas experiências singulares de cada circunstancialidade, de seus conhecimentos prévios trazido de certa tradição, de saberes populares assimilados da cultura na qual estão inseridos.

Tal sinalização consiste no fato de que o ponto de partida para o ensino de filosofia acontece a partir do conhecimento prévio trazido pelo aluno, ou seja, das suas

experiências filosóficas, mesmo que esboçadas, algo que indica a necessidade de uma inversão de papéis no processo educativo. O protagonista não é mais o professor, tampouco os clássicos da filosofia, mas sim o aluno com seus respectivos conhecimentos advindos de sua experiência no mundo, ao menos para começar sua aventura no âmbito filosófico propriamente dito.

E essa notória inversão fará toda a diferença no processo de aprendizagem, pois a filosofia será contextualizada e ressignificada a partir da própria concepção do mundo trazida pelo aluno, ou seja, de sua filosofia espontânea. Sendo assim, o senso comum é definido pelo filósofo como:

A filosofia dos não-filósofos, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio [...] é o folclore da filosofia e, como o folclore, apresenta-se em inúmeras formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme a posição social das multidões das quais ele é a filosofia. (GRAMSCI, 2011, p. 115)

Contudo, apesar das críticas ao senso comum, diante desse processo acrítico e desagregado de sua constituição, o senso comum também apresenta um lado “sadio”, chamado pelo autor italiano de “bom senso”. Quando os indivíduos compreendem a filosofia por “tomar as coisas com filosofia” (GRAMSCI, 2011, p. 98) demonstram o interesse por “tomar as coisas” através de um processo de reflexão, de atividade intelectual, teórica, das questões a serem enfrentadas e resolvidas, pois compreende que se pode notar no senso comum algo propício ao para virtualmente disparar o filosofar, visto que:

Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente. Torna-se evidente, assim, porque não é possível a separação entre a chamada filosofia “científica” e a filosofia “vulgar” e popular, que é apenas um conjunto desagregado de ideias e opiniões. (GRAMSCI, 2011, p. 98)

### **Pensar os ditados populares enquanto expressão filosófica**

Nesse sentido é que se propõe uma pesquisa filosófica acerca dos ditados populares, haja vista que se trata de uma maneira de iniciar a reflexão sobre as

potencialidades filosóficas inerentes às expressões de pensamento sintetizadas nessas frases prontas, nessas sentenças orientadoras do senso comum, ou seja, dessas possibilidades de introduzir uma discussão no âmbito da filosofia que comece considerando esses ditados populares enquanto objetos de reflexão promissores. Tendo em conta que a presença dos ditados populares se evidencia em todas as atividades humanas do cotidiano, pois os homens buscam sempre novas maneiras de pensar, tal qual aponta o filósofo italiano:

(...) não existe atividade humana da qual se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982, p. 7-8)

Como afirma Guimarães (2002, p. 98) "a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma". Um destes exemplos de linguagem popular são os ditos populares.

O dito popular ou ditado popular é uma frase composta por um pequeno texto, que tem como finalidade a transmissão dos conhecimentos cotidianos de uma forma simples. E, que segundo Souza e Magalhães (2017, p. 5.546) “cada sociedade desenvolve seus ditos populares conforme suas características econômicas, culturais, sociais e políticas. Isto é, os ditos populares assumem formas e conteúdos distintos dependendo de cada situação de aprendizado e lugar que é criado e reproduzido”.

No dizer de Gramsci (1999, p. 95), “Se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um é possível julgar a maior ou menor complexidade da sua concepção do mundo”.

Em vista disso, é válido ressaltar que esses saberes populares que se encontram intrínsecos na sabedoria popular (e que por muitas vezes são transmitidos através de ditos populares) são nitidamente diferentes do senso comum, pois trazem uma possibilidade de certa continuidade de compreensão, tradição e experiências

prolongadas ao longo do tempo. Como elucida Almeida (2010, p. 67), (...) "diferentemente do senso comum, os saberes da tradição arquitetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua".

Destarte, com outros dois pesquisadores, a saber, Xavier e Flôr , que compreendem ser o saber popular “ produzido por grupos específicos, não permeando a sociedade como um todo. São conhecimentos que permitem ao grupo viver melhor, mas não têm a função de orientação, como o senso comum” (XAVIER E FLÔR, 2015, p. 313). Em suma, o saber popular possui sentidos distintos para cada grupo e suas culturas, “enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, o saber popular aponta para a especificidade e para a diversidade” (LOPES, 1993, p. 18). E que devido esses saberes não terem como objetivo central uma crítica coletiva perene e que estão inseridos em um meio dinâmico que é a cultura, eles podem ser atualizados, negados, refutados e reformulados.

A gramática moral seria adquirida pelo desdobramento natural de um programa genético específico, à semelhança da elaboração da aquisição de linguagem na linguística gerativa. Para Mikhail, a mente humana possui atributos inatos que possibilitam e condicionam o aprendizado da gramática em sua totalidade, numa fase conhecida como período crítico de aquisição de linguagem, na infância e moldado de modo limitado pelas características próprias do ambiente de desenvolvimento. Assim, a programação genética humana inclui instruções para a aquisição de um sentido moral, o que explicaria, pelo menos parcialmente, a aquisição pelas crianças de um conhecimento moral inconsciente, como é observado no que diz respeito à linguagem por linguistas gerativistas.

Estes referenciais são propícios para estudos interdisciplinares entre Linguística e Filosofia movidos por um espírito semelhante àquele que, na Linguística, autorizou o conceito de Gramática Universal. Esta singela experiência inicial é um primeiro passo para explorar a problemática filosófica, qual seja: é possível haver universais na moral e a partir de que momento também diferem dos universais linguísticos?

Ao dar a devida atenção aos fundamentos consubstanciados em enunciados simples, porém, reveladores, de que Gramsci parte para o assentamento de sua tese, começamos a perceber a sua profundidade e a grandeza. Senão, vejamos. Ocorre uma relevância que ele dá à linguagem, tratando-a como um conjunto de certas noções e conceitos determinados e não, simplesmente, como meras palavras gramaticalmente vazias de conteúdo, o que corrobora a compreensão que também temos sobre ela, como sendo a verdadeira instauradora e mantenedora dos sentidos de nossa condição humana, algo que está presente de maneira sutil nos ditados e expressões populares enquanto usos filosóficos da linguagem, mesmo que de maneira ignorada.

Diante disso, cogita-se afirmar que o ser humano e a humanidade constituem-se de modo singular e dão sentido às suas existências por meio da linguagem, haja vista que, através dessa mediação é que se estabelecem os valores, as crenças, as regras, as relações, os saberes.

Dessa forma, a linguagem nunca se dá de forma impune, vazia, imparcial, neutra, já que desde a sua enunciação está carregada de significados, escolhas, opiniões, verdades. Ou, como afirmou Guimarães Rosa, num diálogo com o crítico alemão Günter W. Lorenz (1973, p. 339), “[...] a linguagem e a vida são uma coisa só”. Nas palavras de Gramsci (1999, p. 93), “[...] na linguagem está contida uma determinada concepção de mundo [...]”.

Todavia, cumpre dizer que há várias definições a respeito do que venha a ser chamado saber popular. Para Dickmann (2008, p. 70) “o saber popular é entendido como aquele adquirido nas lutas, que não está escrito nos livros, aquele que é fruto das várias experiências vividas e convividas em tempos e espaços diversos na história do povo”. Enquanto para Marconi e Lakatos (2005, p. 75), o saber popular é “geralmente típico de camponês, transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal”. Ao passo que para Chassot (2006, p. 207), o saber popular é “aquele que detém, socialmente, o menor prestígio, isto é, o que resiste a menos códigos” e complementa que, “aliás, popular pode significar vulgar, trivial, plebeu. Talvez devêssemos recordar que este saber popular, em algum tempo, foi/é/será um saber científico”.

Desses vários conceitos supracitados podemos depreender que uma das formas de se expressar esses conhecimentos/saberes populares adquiridos é através da oralidade, usufruindo-se da linguagem popular.

### **Reflexão acerca do saber popular**

Cabe ter em conta que este tal saber popular, em algum tempo, foi/é/será um saber científico. Dentre esses vários conceitos supracitados podemos enfatizar que uma das maneiras plausíveis de se expressar esses conhecimentos/saberes populares adquiridos é através da oralidade, valendo-se da linguagem popular para sua comunicação. Como afirma Guimarães (2002, p. 98) "a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma".

Um destes exímios exemplos de linguagem popular são os ditos populares. O dito popular ou ditado popular é uma frase composta por um pequeno texto, que tem como finalidade a transmissão dos conhecimentos cotidianos de uma forma simples. E, que segundo Souza e Magalhães (2017, p. 5.546) "cada sociedade desenvolve seus ditos populares conforme suas características econômicas, culturais, sociais e políticas. Isto é, os ditos populares assumem formas e conteúdos distintos dependendo de cada situação de aprendizado e lugar que é criado e reproduzido".

Logo, é notório que esses saberes populares que se encontram inerentes a sabedoria popular, embora por muitas vezes são transmitidos através de ditos populares, apresentam diferenças com relação senso comum.

Nessa perspectiva assevera Almeida (2010, p. 67), "diferentemente do senso comum, os saberes da tradição arquitetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua".

Nesse horizonte, cabe enfatizar que o saber popular "é produzido por grupos específicos, não permeando a sociedade como um todo. São conhecimentos que

permitem ao grupo viver melhor, mas não têm a função de orientação, como o senso comum” (XAVIER E FLÔR, 2015, p. 313).

Em suma, o saber popular traz sentidos distintos para cada grupo e suas culturas, “enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, o saber popular aponta para a especificidade e para a diversidade” (LOPES, 1993, p. 18). E que nesse cenário tais saberes, por não estarem fragmentados e nem terem como objetivo central uma crítica coletiva perene, estão inseridos em um meio dinâmico que é a cultura, num processo pelo qual eles podem ser atualizados, negados, refutados e reformulados.

Uma das formas principais dessa diversidade pode ser notada nos ditos populares ligados às questões/elementos da natureza, mais precisamente ligados às questões climáticas e as previsões meteorológicas, sendo fundamentais na garantia da sobrevivência, como elucidado por Souza e Magalhães (2017, p. 5547):

Por meio da sabedoria popular, as populações vêm desenvolvendo um conhecimento que lhe proporcionou se adaptar às idiosincrasias da natureza local e estabelecer um equilíbrio dinâmico e convivência coerente entre homem e natureza. Além de promover uma convivência mais harmoniosa, a sabedoria popular traz consigo uma forma de resistência para a sobrevivência de certas comunidades. Novamente o filósofo italiano oferece um horizonte a ser considerado:

[...] é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...], ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 1999, p. 94)

Portanto, segundo o filósofo italiano é louvável procura desenvolver a autonomia de pensamento, sendo o movimento crítico e reflexivo um processo pelo qual se possa assumir as rédeas da própria vida, libertando-se das possíveis alienações

impostas pelo ambiente exterior de modo opressivo, de tal maneira que se possa construir uma concepção de mundo independente e singular.

É nessa seara que o ensino escolar possui propósitos que precisam ser resgatados, desde que sejam movidos por escolha de um horizonte crítico e reflexivo, almejando a possibilidade de que se crie uma concepção de mundo na qual cada sujeito possa se reconhecer como sujeito autônomo. Posto que a função social da escola e da educação constem em “formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam de ciência, da cultura, da arte, precisam saber das coisas, saber resolver dilemas, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana (...)” (LIBÂNEO, 2015, p.17).

Assim sendo, o conjunto de conhecimentos, mediado pela escola, constituintes do processo de ensino-aprendizagem, devem contemplar a cultura e a sabedoria popular e não tão somente a predominância do conhecimento científico.

A interdisciplinaridade, como fenômeno gnosiológico e metodológico, está impulsionando transformações no pensar e no agir humanos em diferentes sentidos. Retoma, aos poucos, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as ideias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa grande rede ou teia de interações complexas e recupera a tese de que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si. Ajuda a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos. É um movimento que acredita na criatividade das pessoas, na complementaridade dos processos, na inteireza das relações, no diálogo, na problematização, na atitude crítica e reflexiva, enfim, numa visão articuladora que rompe com o pensamento disciplinar, parcelado, hierárquico, fragmentado, dicotomizado e dogmatizado que marcou por muito tempo a concepção cartesiana de mundo. (THIESEN, 2008, p.552-553)

Entretanto, a valorização da sabedoria popular no ensino escolar passa por uma concepção de educação que valoriza a pluralidade, as diferentes linguagens, considerado o saber trazido pelo aluno, a construção coletiva do conhecimento e a

busca pela compreensão da realidade que vivemos, aproximando-se da tendência pedagógica progressista “crítico-social dos conteúdos”, que propõe que “a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos” (LIBÂNEO, 1984, p.40) .

As razões e formas do fazer educativo devem ser repensadas a fim de que o próprio currículo e o projeto político pedagógico possam embasar as práticas que tem, entre seus objetivos, a valorização da cultura popular, a partir da ênfase nos saberes prévios presentes nas concepções de mundo observadas nas expressões comuns, tal qual os ditados populares.

### **Do senso comum ao bom senso**

Gramsci fala sempre de uma caminhada da superação da bizarrice do senso comum em direção ao seu núcleo sadio, o bom senso, a partir de um fundamento racionalista, ou seja, “[...] o convite à reflexão, à tomada de consciência de que aquilo que acontece é, no fundo, racional, e que assim deve ser enfrentado, concentrando as próprias forças racionais e não se deixando levar pelos impulsos instintivos e violentos.” (1999, p. 98). Nesse panorama, há uma retomada por parte de Gramsci, de um cânone fundamental da filosofia clássica: a razão. Para ele, o fio organizador do mundo é tecido por uma trama racional, para surpreendê-lo e desenredá-lo, o ser humano precisa utilizar-se de sua ratio, iluminadora secular das trevas humanas e mundanas, superando em si mesmo os impulsos instintivos e violentos e freando as paixões bestiais e elementares que porventura nos aflingem.

O ato filosófico, no entender de Karl Jaspers surge quando o discurso é capaz de “produzir no ouvinte (ainda que de experiências filosóficas, até então, apenas inconscientes) o sobressalto que nos dá súbita compreensão daquilo a que a filosofia se refere”. E acrescenta que o objetivo do “pensar filosófico é levar a uma forma de pensamento capaz de iluminar-nos interiormente e de iluminar o caminho diante de nós, permitindo nos apreender o fundamento onde encontremos significado e orientação” (JASPERS, 1976, p. 11).

Independentemente do pertencimento a espaços de alta complexidade acadêmica, o ato filosófico é consequência existencial pura e simples. O discurso da arte popular é eficiente para produzir sobressalto de magnitude equivalente, provocar a descoberta e atrair o aprendizado sobre os fundamentos significantes da vida; daquela vida de carências e dificuldades que se vive.

A moral das fábulas pode ter sido adotada como dito popular, como podem ser as fábulas paráfrases de ditos já existentes. A origem mais remota da fraseologia popular encontra-se nos velhos berços da civilização, na China tradicional, no Egito, na Índia e na Pérsia, até a civilização greco-romana, na Bíblia, nas subseqüentes obras inspiradas pelo Cristianismo, sobretudo no livro conhecido como Imitação de Cristo. Já em Protágoras, afirma Platão; “a maneira dos antigos sábios era caracterizada por uma espécie de concisão lacônica...sentenças concisas e dignas de memória... máximas que estão em todas as bocas” (PLATÃO *apud* MEXIAS-SIMON,2011, p.60).

Desse modo, cogitar que é plausível trabalhar com ditados populares enquanto disparadores de reflexões filosóficas consiste num esforço de trazer à cena a valorização do conhecimento prévio inerente ao cotidiano dos alunos. Ao começar com a análise das metáforas presentes nos ditados populares abre-se um horizonte de expressões que podem ser objetos de reflexão filosófica que estimulam o pensamento poeticamente, assim como propõe Huizinga:

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (HUIZINGA, 2010, p.7)

Desvendar esse mundo metafórico, riquíssimo de simbologia e representação de certa síntese de conhecimentos comuns, contribuindo para que o ensino-aprendizagem também possa ser esse mergulho na imaginação, apostando que há, sobretudo muito a se acrescentar à educação quando se busca desprender dessas amarras dos conceitos, do conteudismo, dos livros e materiais didáticos pré-fabricados e engessados, a fim de abrir caminho à invenção e a criatividade, enfrentando essa

fonte perdida , isto é, a poética do conhecimento popular como resgate da imaginação:

O eterno abismo entre o ser e a idéia só pode ser franqueado pelo arco-íris da imaginação. Os conceitos, prisioneiros das palavras, são sempre inadequados em relação à torrente da vida; portanto, é apenas a palavra-imagem, a palavra figurativa, que é capaz de dar expressão às coisas e ao mesmo tempo banhá-las com a luminosidade das idéias: idéia e coisa são unidas na imagem. (HUIZINGA, 2010, p.149)

### **Considerações finais**

Isso nos coloca diante da possibilidade de recuperar a linguagem popular em sua vertente poética, seus desdobramentos reflexivos inerentes aos ditados populares à procura daquilo que desdenhamos, posto que perdido:

À medida que o poeta se desvanece como existência social e se torna mais rara a circulação em plena luz de suas obras, aumenta seu contato com isso que, à falta de melhor expressão, chamaremos a metade perdida do homem. Todas as empresas da arte moderna se encaminham para o restabelecimento do diálogo com essa metade. O auge da poesia popular, o recurso do sonho e do delírio, o emprego da analogia como chave do universo, as tentativas para recuperar a linguagem original, o retorno aos mitos, a descida para a noite, o amor pelas artes dos primitivos, tudo é busca do homem perdido. (PAZ, 2006, p.85-86)

Todavia, vislumbramos resgatar certa sabedoria popular em sua poética que traz à tona a ênfase na imaginação e na inventividade, algo que julgamos promissores na perspectiva do ensino embasado na valorização da cultura popular enquanto vetor de conhecimentos idôneos para construir uma educação mais próxima da realidade dos alunos , que seja crítica e reflexiva a partir das experiências cotidianas e inserção em seus mundos para propor transformações e novas ideias, com o processo no qual se possa despertar a autonomia de pensamento, algo que se aproxima também da máxima kantiana sintetizado no preceito do Aufklärung, presente na Filosofia da educação kantiana, de pensar por si mesmo e fazer o uso crítico da razão, está formulado nas três máximas do juízo, tal como Kant expõe na obra Crítica da Faculdade de Julgar:

1. pensar por si mesmo; 2. colocando-se no lugar do outro; 3. pensar sempre de acordo consigo. A primeira máxima é a do pensamento livre do preconceito, a segunda é aquela do pensamento alargado, a terceira máxima é a do pensamento consequente. (KANT, 2008, p. 226)

Mas antes de tudo vale ressaltar a obra rousseuniana *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, que salienta a necessidade de o professor ter sempre em mente a busca constante por conhecimento, mas de não se esconder em pernósticas teorias ou usar seu poder para coagir, adestrar ou desrespeitar o terreno interior do aluno. Enfim, ter o conhecimento contínuo como um aliado: “Quanto a mim, quando desejei aprender, foi para saber e não somente ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar por saber o suficiente para si mesmo” (ROUSSEAU, 1995, p. 42).

Segundo Adorno, “a educação tem sentido unicamente como dirigida a uma auto-reflexão crítica” (2006, p. 121). A emancipação, diz ele, “precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional” (2006, p. 143). Assim, só se pode pensar uma educação que seja direcionada para a emancipação. Nesse sentido, ela seria um processo de esclarecimento em busca permanente de superação da ideologia, desenvolvendo a capacidade de as pessoas realizarem experiências, as quais são pressupostos para que elas se tornem autônomas. Nesse sentido, há de se enfatizar que é condição imprescindível ao ensino aprendizagem filosófico certos procedimentos presentes OCN/ desde o início do retorno enquanto componente obrigatório, quais sejam:

Especificamente à Filosofia cabe a capacidade de análise, de reconstrução racional e de crítica, a partir da compreensão de que tomar posições diante de textos propostos de qualquer tipo (tanto textos filosóficos quanto textos não filosóficos e formações discursivas não explicitadas em textos) e emitir opiniões acerca deles é um dos pressupostos indispensáveis para o exercício da cidadania. (OCN/Filosofia, 2006, p. 26)

## Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2010.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

DICKMANN, Ivano; DICKMANN, Ivo. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. Passo Fundo: Battistel, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, Vol.1. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

GUIMARÃES, Gerardo. **Repensando o folclore**. São Paulo: Manole, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, p.27-38, jan./mar. 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação**. In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Org.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. Campinas: Alínea, 2005. Cap. 1. p. 15-58.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar**. In Aberto, Brasília, n. 58, p. 14-23, abr/jun. 1993.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Rev. Bras. Educ.[online]. 2008, vol.13, n.39, p. 545-554.

TONINI, Ivaine Maria. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p.88.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. **Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências**. Revista Ensaio (Belo Horizonte). 2015, vol.17, n.2, p.308-328.